



TURISMO E CIBERESPAÇO: IMPLICAÇÕES INERENTES AO COTIDIANO

TOURISM AND CYBERSPACE: IMPLICATIONS INHERENT TO EVERYDAY LIFE

1 **Magno Angelo Kelmer**  <http://orcid.org/0000-0003-4905-4889>

1. Universidade Federal de Goiás  Goiânia, Goiás, Brasil

2 **Carlos Eduardo Santos Maia**  <https://orcid.org/0000-0002-2035-4362>

2. Universidade Federal de Juiz de Fora  Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

Autor de correspondência: magnokelmer@gmail.com

RESUMO

Essa comunicação é um estudo teórico de caráter bibliográfico, no âmbito da Geografia Humana e áreas afins, que visa apresentar as relações estabelecidas entre o uso das possibilidades do ciberespaço e a prática da atividade turística destacando as alterações nos ritmos do cotidiano tendo a ritmanálise como método interpretativo. Essa investigação orientou-se pelo pressuposto de que há poucos estudos, com o olhar da Geografia, para a análise dessas relações tão presentes em nosso cotidiano. Busca-se assim, contribuir para o entendimento geográfico sobre essas relações e, em especial, para o debate teórico-conceitual de tais práticas. Para atender ao exposto, optou-se por uma pesquisa bibliográfica envolvendo temas como turismo, ciberespaço, cotidiano e ritmanálise. Constatou-se assim, que, ao se apropriar das possibilidades do ciberespaço, apoiadas nas estruturas das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC, a prática da atividade turística divulga, promove e produz os espaços de acordo com seus interesses, alterando assim, os ritmos dos lugares turistificados.

Palavras-chave: ciberespaço; turistificação; ritmo; ritmanálise; cotidiano.

ABSTRACT

This paper is a theoretical bibliographic study within the field of Human Geography and related areas. It aims to present the relationships established between the use of cyberspace possibilities and the practice of tourism, highlighting changes in the rhythms of everyday life, with rhythmanalysis adopted as an interpretative method. This investigation was guided by the assumption that there are few studies, from a geographical perspective, analyzing these relationships, which are so deeply present in our everyday lives. Thus, it seeks to contribute to the geographical understanding of these relationships and, particularly, to the theoretical and conceptual debate surrounding such practices. To this end, a bibliographic research was conducted addressing topics such as tourism, cyberspace, everyday life, and rhythmanalysis. It was found that, by appropriating the possibilities offered by cyberspace, supported by Information and Communication Technologies (ICTs), tourism promotes, publicizes, and produces spaces according to its interests, thereby altering the rhythms of touristified places.

Keywords: cyberspace; touristification; rhythm; rhythmanalysis; everyday life.

Introdução

A atividade turística possui ampla dinamicidade para modificar os espaços e alterar seus ritmos cotidianos. O cotidiano pode ser compreendido como dimensão de realizações diárias, ações organizadas pelos indivíduos em um processo de interação social carregado de alternativas e escolhas que oportunizam ao/à cidadão/ã organizar suas ações, pois diz respeito à produção social do espaço.

O cotidiano é espaço-tempo das ações e interações que se realizam, e, atualmente, ações baseadas nas possibilidades do ciberespaço com a participação das Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC têm apresentado impactos sobre os ritmos do cotidiano.

Apropriando-se dessas possibilidades, os “agentes da turistificação” (Knafou, 2001) que atuam dinamizando a atividade turística, divulgam, promovem e produzem os espaços de acordo com seus interesses apontando para a necessidade de inovação e aceleração, ações que marcam o atual “meio técnico-científico-informacional” (Santos, 1998).

Baseado em uma revisão bibliográfica, este ensaio tem por objetivo abordar conceitualmente as relações estabelecidas entre o uso das possibilidades do ciberespaço e a prática da atividade turística destacando as alterações nos ritmos do cotidiano tendo a ritmanálise como método interpretativo. A ritmanálise, proposta por Lefebvre (1985, 2004) como um procedimento metodológico, baseia-se na observação a partir do ritmanalista, ou seja, o corpo com todos os seus sentidos fornecendo meios para a compreensão dos ritmos que preenchem o cotidiano. O corpo como escala de análise poderá identificar, classificar e analisar a infinidade de ritmos sobrepostos no espaço-tempo.

Por ocasião da elaboração deste ensaio, deparou-se com um sensível *déficit* de trabalhos relacionando tais temáticas, principalmente com o olhar geográfico. À essa lacuna, esse artigo, modestamente, busca contribuir para estudos futuros articulando ciberespaço, turismo, o cotidiano e seus ritmos.

Metodologicamente, o estudo baseia-se em ampla pesquisa bibliográfica envolvendo ciberespaço, turismo, ritmos e cotidiano. Para tal, autores/as como Manuel Castells (2003), Martin Dodge e Rob Kitchin (2001), Frédéric Douzet (2014), Pierre Lévy (1999, 2011), Hindenburgo Pires (2010) e Wilian Gibson (1991) foram elencados para auxiliar nas discussões sobre ciberespaço. Jacques Wainberg (2003), Chris Cooper (2001), Eduardo Yágizi (1999) e Remi Knafou (2001) embasaram as discussões sobre o turismo e sua relação com a

Geografia. Henri Lefebvre (1985, 2004, 2019) e Maié Gerardot (2008) auxiliaram a ampliar o debate sobre os ritmos e suas implicações no cotidiano, esse tema tão caro à Geografia e que teve nas obras de Michel de Certeau (1998), Agnes Heller (2000), Martin Heidegger (1988), Georg Lukács (2018) e Henri Lefebvre (1972, 1981) argumentos imprescindíveis para garantir o caráter científico, confiável e fundamentado que a discussão propõem.

Assim, abre-se a discussão conceituando cotidiano, esse coletivo de realizações intencionalizadas que impactam na produção dos espaços oferecendo inúmeras possibilidades ao acontecer diário.

Aponta-se a prática da atividade turística, para turistas como para moradores/as, como elemento a alterar os ritmos do cotidiano, levando a discutir na segunda parte do texto, o turismo, seus conceitos, sua dinamicidade e suas implicações no cotidiano dos lugares, não somente como soluções para os problemas, mas como elemento, apropriando-se das TIC, a contribuir para alterar os ritmos cotidianos.

Pensar as possibilidades do ciberespaço para a prática da atividade turística é o mote da terceira parte. Após conceituá-lo, passa-se a elencar as possibilidades inerentes à prática da atividade turística no espaço virtual e os possíveis impactos no cotidiano dos lugares turistificados.

A música “Vilarejo” permeia a discussão e traduz bem o cotidiano. Como em Lefebvre, é fundamental estabelecer a relação entre a musicalidade e as noções de ritmo para compreender os cotidianos. Dessa forma, aponta-se para a importância da análise rítmica para compreensão dos espaços, seus ritmos e as contribuições da atividade turística em suas alterações. Destaca-se o ciberespaço como elemento integrante do cotidiano, sendo imprescindível o olhar da Geografia sobre tais relações.

Torna-se necessário ampliar a discussão a respeito desses temas, uma vez que poucas publicações e/ou estudos com um olhar geográfico abordam a produção e o uso do espaço virtual interligado à prática do turismo utilizando a ritmanálise para interpretar esses cotidianos.

Cotidiano, nossa arte de ser e fazer

Há um vilarejo ali
Onde areja um vento bom
Na varanda, quem descansa
Vê o horizonte deitar no chão
Pra acalmar o coração
Lá o mundo tem razão
Terra de heróis, lares de mãe
Paraíso se mudou para lá
Por cima das casas, cal
Frutos em qualquer quintal
(Monte *et al.*, 2006).

A música *Vilarejo*, cantada por Marisa Monte, retrata o movimento de um lugar que poderia localizar-se em qualquer região do Brasil. Apresenta o dia a dia apreendido em uma paisagem e traz aspectos de um cotidiano no qual as cenas são descritas e determinadas pelos ritmos do lugar. Tal como poetado na canção, situações do dia a dia podem ser percebidas em uma rotina de acontecimentos diários da vida juntamente aos significados que as pessoas vão construindo com seus hábitos e nos rituais que celebram.

O espaço, o tempo, o cíclico e o linear, os sonhos, as pessoas e seus lugares acompanham e são acompanhados por um ritmo inerente ao tempo social. Esse acontecer diário contém a vida das pessoas e está contido nelas de forma indissociável, mas não homogêneo, pois o cotidiano é pleno de possibilidades.

O cotidiano pode ser compreendido como um coletivo de realizações diárias ou procedimentos de ações organizadas pelos indivíduos em um processo de interação social (Certeau, 1998). Esse coletivo de realizações pauta-se num conjunto de ações singulares e pode dizer mais sobre uma sociedade e seus indivíduos do que a própria identidade de cada um.

No cotidiano, cabe o que é partilhado a cada dia sincro-diacronicamente, a parte de cada um na composição do todo, o que pressiona e oprime (impondo uma rotina que aprisiona aos deveres da sociedade), mas também o que liberta e possibilita ao indivíduo participar do processo de interação social com suas ações.

Essas e outras possibilidades integram a vida cotidiana que, na perspectiva abordada por Heller (2000), está carregada de alternativas e escolhas que oportunizam ao/à cidadão/ã que habita tal espaço organizar suas ações em diferentes dimensões, pois “a vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico”

(Heller, 2000, p. 20). Em sua particularidade o/a cidadão/ã cotidianamente se expressa em seu ser individual, o ser único, que dialoga com o universal. De modo mais fundamental, concorda-se com Lukács ao definir que, na vida cotidiana, há “operações mentais” relacionadas à prática nas quais “o particular tem uma função de resultado conclusivo” (Lukács, 2018, p. 110), todavia “o particular se confunde, em sua determinação e delimitação, ora com o universal, ora com o singular” (Lukács, 2018, p. 11).

Assim, o genérico ou a genericidade do ser está em situações coletivas mesmo que este apresente interesses individuais. Compreende-se o homem, nesse sentido, elevado a um humano-genérico, produto e manifestação das relações que estabelece em sociedade num movimento dialético que o torna indivíduo, definindo sua identidade através das atividades sociais, nas quais são ultrapassadas as heterogeneidades das experiências da vida cotidiana mediante objetivações como o trabalho e o turismo. De outro modo, como adverte Lukács (2018, p. 264) “o verdadeiro conteúdo desta generalização, que aprofunda e enriquece objetiva e subjetivamente a individualidade, mas sem jamais conduzi-la para fora de si mesma, é precisamente o caráter social da personalidade humana”.

Para Certeau (1998), na arte do fazer cotidiano não há seres passivos, mas indivíduos que operam comumente sobre o contexto e constroem variações, pois o cotidiano se inventa de maneiras diversas. Compreendem-se, assim, as práticas cotidianas como modos de ação, como atos realizados pelos indivíduos no plano da interação social. As relações sociais contidas nessa interação determinam o indivíduo por meio de suas práticas comuns que se apropriam da cultura já existente para torná-la comum à sua vida ordinária, ou seja, o homem ordinário que reinventa o cotidiano diariamente.

O cotidiano é espaço-tempo das ações, cujas tensões que envolvem o homem comum como um ser particular, genérico e ordinário no dia a dia em processo de interação social implicado nas possibilidades de inventar o possível, onde pode surgir a liberdade. Heller (2000, p. 17) acrescenta ao cotidiano a vida inerente à sua existência, a vida cotidiana que, segundo a autora, apresenta-se como

[...] a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

Destarte, a vida cotidiana pertence a todos e se encontra no centro do acontecer histórico; nela estabelecem-se ritmos variados e ações participantes no processo de reprodução do espaço, ou ainda, de acordo com Lukács (2018), reprodução da vida e encontro dos homens com seus destinos. Paralelamente, Carlos (2015, p. 10) nota que “o espaço, em sua dimensão real, coloca-se como elemento visível, em sua materialidade, mas também como representação de relações sociais reais da sociedade em cada momento da história”. Assim, o cotidiano, como o lugar das possibilidades e dos destinos, envolve as formas de trabalho, os estilos de vida, as diferentes habitações e as práticas de lazer e de turismo como ações participantes das interações sociais integrantes do espaço no qual os sujeitos se estabelecem e, ao produzi-lo, evidenciam contradições inerentes ao processo.

O cotidiano foi investigado, por exemplo, em Heidegger (1988) dentro do seu projeto de analítica existencial, tendo como método a fenomenologia numa perspectiva eidética. Buscando o sentido originário da experiência cotidiana, Heidegger recupera os modos de existir do homem, ou melhor, seus modos de ser-no-mundo especialmente como pre-sença (ou ser-aí). Deste modo, a problemática da cotidianidade em Heidegger é fundante e ontológica, pois este é o modo de ser no qual na maioria das vezes pre-sença se encontra à maneira de ser-com o que implica, segundo o filósofo, em “cuidado” (estrutura básica de pre-sença na sua relação com outros entes dados à maneira ou não de pre-sença) e “solicitude” (modo de ser de cuidado em que pre-sença se relaciona com outros entes semelhantes, ou seja, com outras pre-senças). A partir daí ele discorre sobre as solitudes autênticas, na qual pre-sença compreende os outros como aqueles entre os quais ela também *está* e *é*, e inautêntica, quando se isola dos outros, mantendo desconfiança e um olhar espiado e “distante”. Na cotidianidade, tal desconfiança e “distância” demonstram a decadência de pre-sença no impessoal, que se manifesta no falatório – “[...] possibilidade de compreender tudo sem se ter apropriado previamente da coisa” (Heidegger, 1988, p. 229), na curiosidade - quando pre-sença “[...] ocupa-se em ver, não para compreender o que vê [...], mas *apenas* para ver (Heidegger, 1988, p. 233) - e na ambiguidade – em que “[...] tudo parece ter sido compreendido, captado e discutido autenticamente quando, no fundo, não foi” (Heidegger, 1988, p. 234).

Na perspectiva materialista de Lefebvre (1972), a qual adota-se mais sensivelmente neste trabalho para a análise das implicações espaciais, o cotidiano abrange igualmente a profundidade da trivialidade, as atividades triviais, as rotinas e as repetições compreendidas

em um espaço-tempo no qual pode também ocorrer a possibilidade de encontrar o “extraordinário do ordinário” (Lefebvre, 1972, p. 51).

Porém, diferente de Heidegger, ele não situa o cotidiano como problemática ontológico-existencial, uma vez que é a lógica inerente ao modo de produção capitalista que impõe um ritmo ao cotidiano, o que Lefebvre (1981) irá denominar como “programação do cotidiano”. Cabe aos usuários desse espaço, como atores da transformação pelas possibilidades extraordinárias que vislumbrarão no ordinário do acontecer diário, colocarem tais transformações em prática. O cotidiano, nessa perspectiva, pode ser compreendido como um objeto multidimensional, que se modifica pelas ações do conjunto dos atores sociais que nele convivem.

O conceito de cotidiano permite uma análise crítica do real, ou seja, é um conceito operacional que permite compreender o vivido e nele perceber possibilidades de transformação (Lefebvre, 1981). O autor destaca a importância de aprofundar o conhecimento do cotidiano para entender e transformar. No momento em que as ações desenvolvidas, como práticas sociais, contendo as relações de produção que as produziram, se fazem presentes na reprodução do espaço é que as possibilidades de transformação do cotidiano podem ser cooptadas e tornadas possíveis.

As possibilidades existem, mas não se concretizam para todos, uma vez que a programação do cotidiano atende à lógica da reprodução do capital e estabelece contradições em seu processo. Contradição que, para Lefebvre (2008, p. 125) “[...] não é exterior às relações sociais de produção, ainda menos a sua reprodução, que implica estratégias políticas”. As contradições surgem no momento em que a produção não atende a todos e estabelece diferenciações no espaço evidenciando ações segregadoras, o que pode ser compreendido em Certeau (1998), como estratégias da lógica dominante.

Perceber o cotidiano, apreender a realidade em seu acontecer diário para poder entender e transformá-lo requer uma percepção apurada dos atores que se relacionam no espaço vivido. Nessa relação estão contidas as ações rotineiras, ritmos cotidianos, e também ações que traduzem anseios por ritmos diferentes, o que é inerente ao ser humano. Assim, “[...] a realidade social aparece como prática sócio-espacial, espaço-tempo da ação – o que nos obriga a pensar o sentido e conteúdo dessa ação, na indissociabilidade entre a produção do espaço e a produção-reprodução da vida social” (Carlos, 2011, p.24), pois o homem ao produzir o espaço se reproduz nele.

Uma das atividades a alterar os ritmos do cotidiano é a prática turística tanto para os turistas¹ como para a população local - o habitante, que para Lefebvre (2008), tem importância fundamental na análise dos espaços, não somente em dados quantitativos, mas como elemento que atua na prática urbana representando a qualidade da produção espacial. O movimento do “sair de” e “ir para” causa uma sensação de busca pelo diferente (Wainberg, 2003) que movimenta os fluxos e os fixos que embasam o acontecer turístico.

Todavia, o que a prática da atividade turística tem a acrescentar ao cotidiano? Pode a atividade turística alterar o ritmo cotidiano, promovendo alterações polirrítmicas, eurrítmicas e arrítmicas? O turismo pode ser compreendido como um elemento a oferecer possibilidades de transformação do cotidiano?

Turismo: implicações no/do cotidiano

Toda gente cabe lá
Palestina, Shangri-lá
Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa

(Monte *et al.*, 2006).

Atividade produtiva, organizada e sistematizada da sociedade capitalista pós-revolução industrial, o turismo apresenta implicações diversificadas no cotidiano, nos ritmos de visitantes e moradores, e do espaço-tempo, as quais estão sujeitas a análises variadas. No que se refere às implicações em quem pratica o turismo, Bachimon, Decroly e Knafo (2016, n.p.), embasados em Löfgren, fazem os seguintes comentários bastante pertinentes:

[...] A experiência constitui a capitalização e o retorno do investimento. Assim, o turista certamente regressa ao seu ponto de partida, mas diferente, o que facilmente se observa no contato com aqueles que “não tiveram oportunidade de sair”. Traz de volta memórias vividas para recordar, para contar, para mostrar (fotos, tatuagens...), para guardar, até para colecionar. Estas representações mentais ou materiais que subsistem após a viagem turística não servem unicamente como garantia de veracidade destinada a outrem. De forma recorrente, são também um lembrete para o indivíduo de que ele ou ela é capaz de integrar a diversidade e o inesperado ao seu cotidiano [...] (Tradução nossa).

¹ O termo turista é passível de reformulações por abrigar um grupo heterogêneo de pessoas com características, personalidades, demografias e experiências diferentes (Cooper, et al. 2001) e será entendido a partir desse momento como visitante, uma pessoa fora de seu local de origem por motivos diversos.

Os mesmos autores, apesar de indicarem a distinção entre turismo e cotidiano na passagem citada, contrapõem essa ideia com a de “desdiferenciação” nos estudos pós-modernistas, dada à crescente semelhança entre ambas as instâncias (turismo e cotidiano), já que a experiência turística e o consumo de produtos exóticos, atualmente, são favorecidos pelas tecnologias de informação, sem que se precise sair do próprio lar para ir aos “lugares do mundo”. A programação rigorosa da viagem com uma rotina pré-determinada cronologicamente e o frenesi no qual o/a visitante se engaja também indicariam, segundo os adeptos dessa corrente interpretativa, a desdiferenciação (Bachimon; Decroly; Knafo, 2016).

Outro ponto que merece destaque no trabalho de Bachimon, Decroly e Knafo (2016) para os propósitos deste artigo diz respeito às suas discussões sobre “turismo ao longo da vida” e “lugares de nostalgia pessoal”, pois fornecem pistas interessantes na investigação sobre turismo-cotidiano-ritmos. Os autores encetam a discussão resgatando pesquisas que demonstram como experiências vividas na infância e na juventude interferem naquelas realizadas durante a vida adulta, à maneira, por exemplo, de preferências. No que se refere ao “turismo ao longo da vida”, expõe-se como os lugares visitados nas férias de infância, ou na juventude, costumam ser revisitados na fase adulta, de modo regular ou não, seja por um sentimento de nostalgia (prefere-se aqui utilizar a palavra brasileira “saudades” - intraduzível em outros idiomas), seja pela “determinação” de uma “lógica de rotinização na tomada de decisões”. Os autores fornecem algumas pistas interessantes para se investigar a relação cotidiano-ritmos a partir da investigação desses “lugares de nostalgia pessoal”:

Os lugares da nostalgia pessoal são, portanto, os lugares para onde nos dirigimos, porque foram anteriormente locais de férias, para fazer um retorno ao passado. Um retorno cíclico - portanto fragmentado - que atua como um *continuum*, com situações variáveis dependendo se se retorna a lugares congelados em seu abandono (deserto turístico, sertão abandonado) ou a espaços profundamente transformados pela modernidade. A necessidade de não cortar com o passado, mesmo que signifique reinventá-lo parcialmente, participa, portanto, para a patrimonialização [...] (Bachimon; Decroly; Knafo, 2016, n.p., tradução nossa).

Pode-se considerar o turismo nesses lugares de nostalgia pessoal como indicadores de ritmos? Lefebvre adverte que “o turismo se sobrepõe sem fazê-lo desaparecer do uso tradicional e costumeiro do espaço e do tempo, da monumentalidade e dos ritmos <do

outro>” (Lefebvre, 2019, p. 108). Não haveria nos “lugares da nostalgia pessoal” a sobreposição ainda e outro ritmo qual seja, <do outro> com <o meu>, do meu retorno neste “cíclico *continuum*” de turismo “rotinizado”?

Cada lugar apresenta ritmos distintos e analisá-los torna-se fundamental para o entendimento dos processos de produção do espaço. O ritmo, para Lefebvre (2004, p. 3), “é algo inseparável das compreensões do tempo, em particular da repetição. É encontrado no funcionamento dos lugarejos e das cidades, na vida urbana e no movimento através do espaço”, fornecendo, assim, possibilidades privilegiadas de análise com relação à vida cotidiana. Afinal, o cotidiano é o lugar de encontro entre o que se repete e o que se cria. Uma análise rítmica pode apontar questões com relação às mudanças e repetições, identidades e diferenças, contrastes e continuidades, desvelando elementos que possam interferir no cotidiano e estabelecer rupturas e desigualdades ao longo do tempo.

Gérardot (2008) compreende ritmo como organização e desorganização do espaço e destaca a importância de transformação que um fenômeno possui ao atuar no espaço e no tempo. Os ritmos implementados pelo turismo materializam a maneira pela qual a prática da atividade turística organiza ou desorganiza um lugar espacial e temporalmente. A seu ver, existem sete critérios indispensáveis à variação do ritmo, são eles: “três critérios espaciais (duração, regularidade e continuidade), três critérios temporais (escala, métrica, substância) e um critério abrangente, a quantidade”². Destaca-se que o interessante no ritmo não está nas semelhanças, e sim nas diferenças (Lefebvre, 1985), uma vez que as semelhanças podem ser associadas ao mecânico, reproduzindo o instante anterior, e as diferenças, contendo multiplicidades e pluralidades, preservam o processo sem repetir identicamente o momento anterior, ou seja, criam ritmos.

Entendida como uma atividade socioeconômica, a prática da atividade turística tem o poder de modificar os espaços-tempos, transformá-los para e pela sua atuação e criar ritmos pelos impactos administrativos, econômicos, culturais, tecnológicos, naturais e, principalmente, sociais refletidos na quantidade de atores envolvidos e na dinamicidade da atividade. Assim, de acordo com a sua capacidade de agenciamento, um lugar turístico pode ser

² No original : trois critères spatiaux (durée, régularité et continuité), trois critères temporels (échelle, métrique, substance) et un critère englobant, le nombre.

[...] monorrítmico quando um único ritmo determina o arranjo temporal e espacial. Domina todos os outros ritmos e os deixa com pouco espaço. Ao contrário, diz-se que um lugar é polirrítmico quando vários ritmos organizam conjuntamente a organização de um lugar. Os ritmos são neste caso justapostos. Finalmente, diz-se que um lugar é polirrítmico dominado quando o ritmo estudado é minoritário entre outros ritmos, participando assim de forma minoritária na organização do lugar (Gérardot, 2008, n.p., tradução nossa).

O turismo é conceituado pela Organização Mundial do Turismo (OMT) como “[...] um fenômeno social, cultural e econômico que implica no deslocamento de pessoas para países ou lugares fora do seu ambiente habitual para fins pessoais ou de negócios / profissional” (OMT, 2017, n.p); sendo esse conceito mais atual e abrangente, uma vez que conceitos anteriores não incluíam como turismo as viagens de negócio. Cooper *et al.* (2001, p. 40) destacam que

o turismo pode ser pensado como sendo uma ampla gama de indivíduos, empresas, organizações e lugares, que se combinam de alguma forma para proporcionar uma experiência de viagem. O turismo é uma atividade multidimensional e multifacetada, que tem contato com muitas vidas e atividades econômicas diferentes.

Proulx (2005) compreende o turismo como uma atividade relacionada temporalmente à modernidade iluminista e socialmente à aristocracia, classe em franca decadência que perdia de modo sensível seu *status* de dominância para a burguesia. Destarte, a aristocracia buscava os *spas* com termas na qualidade de lugares saudáveis e com práticas sociais diversas (para além da hidroterapia) que rompiam com o cotidiano e afirmavam sua distinção como classe. Não se pode negar que tal subterfúgio estava ligado ao fato de que, num ambiente de substituição e depreciação crescente do ócio e valorização do *neg-ócio*, “sair sem uma razão válida era, na época, socialmente inaceitável. É nesse contexto que o pretexto da saúde ganha sentido” (Proulx, 2005 – tradução dos autores).

Ainda de acordo com Proulx, “o discurso terapêutico é posteriormente combinado com o discurso higienista (séculos XVIII e XIX). Viajar permite ‘curar a alma ou o corpo’, mas também ‘mudar o ar’” (Proulx, 2005, tradução nossa). Assim, o turismo vai incluir lugares como litorais, campos e montanhas longe das cidades, pois a urbe é encarada pelos mais abastados como lugar insalubre, originando a *villegiatura*.

O turismo, na atualidade, deve ser visto em relação ao tempo livre e ao lazer, ou melhor, como um fenômeno multidimensional e multifacetado composto por um grande

número de elementos interdependentes. Estes, elementos necessários à sua materialidade, não são obrigatoriamente turísticos, pois importam num grande número de conexões na localidade onde se exerce, tais como rede de hospedagem, alimentação, meios de acesso, comércio em geral, bancos, estrutura de receptivo³, aspectos culturais, atrativos naturais, elementos tecnológicos, redes informacionais, comunidade residente e visitante e, também, os agentes promotores do turismo. Essas e outras inter-relações contribuem para que ocorram transformações socioespaciais, alterando ritmos, que por sua vez implicarão no cotidiano com impactos na reprodução do espaço, dialeticamente. Ressalte-se que essas transformações e a reprodução do espaço pelo turismo passaram a ser promovidas também pela classe trabalhadora, pois o lazer foi

[...] gradualmente democratizado na primeira metade do século XX com o reconhecimento formal do direito das férias remuneradas para todos os trabalhadores de vários países ocidentais. Uma democratização que também tem as suas raízes em argumentos salutareis para a saúde e bem-estar dos indivíduos, mesmo dos trabalhadores (Proulx, 2005, tradução nossa).

Assim, o turismo, nascido sob o signo da aristocracia, hoje pode ser praticado por trabalhadores que comprem pacotes de viagens parcelados, organizam grupos de excursão, fazem roteiros como mochileiros, etc.

O turismo a implementar ritmos. Uma panaceia?

Uma análise dos ritmos, uma “ritmanálise” (Lefebvre, 2004), abarca a complexidade do cotidiano na busca de apreender o que é natural e o que é social, o linear e o cíclico. O cíclico e o linear estão interligados, o “cíclico pertence ao cósmico, à natureza: dias, noites, estações, ondas e marés do mar. O linear se apresenta antes da prática social, das atividades (onde pode apresentar diferenças): a monotonia das ações e dos movimentos, impondo estruturas” (Lefebvre, 2004, p. 18).

³ O receptivo é o serviço destinado a atender as expectativas das pessoas que adquiriram o produto turístico ou que viajam a negócios e precisam de apoio em seus deslocamentos. Corresponde à oferta turística, já que se trata da localidade receptora e seus respectivos atrativos, bens e serviços a serem oferecidos aos turistas lá presentes. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-uma-agencia-de-turismo-receptivo,7c887a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD> Acesso em: 29 nov. 2021.

Compreende-se, em uma perspectiva dialética, que tempo e espaço, o linear e o cíclico não são elementos que se opõem, mantêm-se em constante interação evidenciando ritmos do cotidiano. O ritmo traz consigo noções implícitas de polirritmia, euritmia e arritmia. Considerando-se o vivido, compreende-se a polirritmia como variedade de ritmos interdisciplinares, a euritmia como união dos ritmos da cotidianidade normal e a arritmia como uma discordância dos ritmos, uma desordem (Lefebvre, 2004).

Gérardot (2008), conforme visto anteriormente, adverte que os lugares rítmicos do turismo, de acordo com a maneira que se impõem ao cotidiano, podem ser monorrítmicos, polirrítmicos dominados, ou polirrítmicos, exigindo atenção e políticas públicas. Contribuindo para a questão, Ribeiro (2013, p. 60) acrescenta que “o turismo transforma-se em justificativa e meta da intervenção pública, entretanto tais intervenções contrastam, violentamente, com a gravidade da crise social que marca o cotidiano”. Ou seja, na prática da atividade turística, ritmos são implementados, o cotidiano é alterado e o espaço é reproduzido evidenciando uma multiplicidade de ações, mas o planejamento que envolve tal prática não consegue atender a todos, dadas as contradições manifestas em tais ações espacial e socialmente delimitadas.

A título de exemplo, as ações desenvolvidas pelos agentes da turistificação (dos setores público e privado)⁴ buscam associar um ar de festa, de celebração e liberdade ao turismo, destacando os pontos positivos desses espaços de lazeres. Propagandeia-se, frequentemente, a ideia de atividade implementada em lugares supostamente bem planejados para a obtenção de uma sensação de liberdade, “vem andar e voa, vem andar e voa [...]”, tamanha a leveza e tranquilidade oferecidas, contrastando, muitas vezes, com sua face socioeconômica, como se o turismo atuasse de forma despretensiosa e descomprometida.

Tais agentes da turistificação têm o lucro como mote, mas se valem e vendem uma ilusão paradisíaca, idílica, festiva, singular, exclusiva, pitoresca, etc. que povoa os imaginários e as percepções quando se trata de turismo. Afinal, “toda gente cabe lá, Palestina, Shangri-lá” – oriundos de qualquer lugar, todos são bem-vindos aos espaços turistificados. Configuram-se como ações que, frequentemente, não primam pela atenção ao cotidiano ou à ampliação de acessos para revitalizar a democracia. Embora sejam ações propagadas como

⁴ Leia-se Knafo (2001).

solução ao problema da exclusão, se mostram cada vez mais como promotoras de sucessos financeiros segmentares, geradoras de explorações e contribuintes no processo de alienação dado o seu *leimotiv* como negócio (Ribeiro, 2013).

Já as ações engendradas pelos/as visitantes são amplas e diversificadas, havendo desde aquelas com sensível consciência social e ecológica àquelas predatórias e vorazes. Mas, em qualquer caso, coloca-se em cena um ator representando determinado papel no cenário turístico e implicando, paralelamente, em performances, linguagens (no falar e no vestir, por exemplo), deixas simbólicas e ritualizações corporais que os/as anunciam ou os/as denunciam. As contradições aqui resvalam para os ritmos de alguém que chega com a perspectiva de voltar: a arritmia de quem ocupa e não habita, as polirritimias de quem consome e é consumido, as euritmias do acolhimento e do estranhamento.

Para Wainberg (2003, p.39), “o turismo apropria-se dos lugares, demandando territórios e paisagens, pois leva as pessoas a saírem de um lugar em busca de outros”. Assim, a sua dinamicidade no espaço social está em estreita correlação com a prática social a ele engendrada, atentando para uma ritualidade, “[...] segundo as exigências do modo de produção, ou seja, da reprodução das relações de produção” (Lefebvre, 2008, p.21), no movimento de ir e vir. Desta forma, o espaço não existe em si mesmo, sendo produzido social e materialmente, envolvendo a produção, o produto e o trabalho pertinente a ele, bem como envolvimento ou alheamento aos seus padrões de uso⁵. Para além disso, Lefebvre e Régulier (2019, p. 107) discorrem ainda que

[...] o espaço público, espaço de representação, torna-se "espontaneamente" local de caminhadas, reuniões, intrigas, conversações, negócios e negociações, dramatiza-se. Assim, se religam ao espaço o tempo e os ritmos das pessoas que ocupam este espaço (Lefebvre; Régulier, 2019, p. 107, tradução nossa).

A leitura dos ritmos fica então restrita quando não se considera que “[...] cada ritualização cria, seu tempo próprio e seu ritmo particular, aquele dos gestos, das palavras solenes, dos atos prescritos com certo encadeamento; mas também os ritos e as ritualizações que intervêm num tempo cotidiano, o *entoado*” (Lefebvre; Régulier, 2019 p. 105) e, mais ainda, o corpo. Sarmento, no trecho citado a seguir, exemplifica bem a importância de se abordarem os rituais e o corpo numa ritmanálise do turismo:

⁵ Leia-se Carlos (2011) e Gottdiener (2010).

Enquanto o estresse, a ansiedade e o medo levavam a movimentos rápidos e ritmos acelerados, como se os turistas estivessem fugindo do que vieram ver, a justaposição dos ritmos diários de quem trabalha na medina e caminha ou passa freneticamente com carrinhos, bicicletas e até motocicletas, produziu um variado conjunto polirrítmico de batidas. Homens de terno passavam, não com pressa, mas determinados, sabendo onde pisar; crianças de uma escola próxima perseguiam uma bola de futebol...

Muitas vezes, os turistas evitavam olhar para os objetos, pois aprenderam rapidamente que qualquer olhar prolongado faria com que os vendedores reagissem e se envolvessem em uma interação [...]. No entanto, suas tentativas eram muitas vezes em vão, pois os vendedores normalmente tinham uma experiência considerável e eram capazes de detectar até mesmo o olhar mais disfarçado. O menor movimento – como o ritmo esvoaçante das pálpebras de Lefebvre – provocava uma reação. Quando alvo, as táticas dos turistas variavam de alguns passos defensivos e mãos levantadas, a lutas para evitar confrontos e proximidade física, e até mesmo correr para cima ou para baixo nas ruas principais ou correr uma dúzia de metros. Os vendedores também podem perseguir os turistas e surgiram coreografias fugazes, contribuindo para uma teatralidade particular que constituía a cidade polirrítmica (Sarmiento, 2017, p. 309, tradução nossa).

Entende-se em Lefebvre uma crítica à atividade turística que se apropria dos espaços demandando-os, ou abduzindo-os, posto que ora cria estruturas política, econômica, cultural e social, ora rapta aquelas existentes em seu favor buscando lucro. Para tanto, vale-se do fetiche do paraíso que dissimula sua face capitalista produtora de mais-valia nesses “espaços de lazeres [...] nos quais se reproduzem as relações de produção, o que não exclui, mas inclui, a reprodução pura e simples da força de trabalho” (Lefebvre, 2008, p. 50).

Como entendido neste trabalho, o turismo, como atividade socioeconômica, desenvolve-se em um mundo real, local da reprodução do capital, da busca do lucro e da mais-valia, da exploração do trabalho, do fetichismo da mercadoria, do estabelecimento dos valores de uso e troca, das contradições, dos ritmos, das corporeidades, do cotidiano e das ritualizações. Há uma tensão dialética entre a prática social, a percepção romantizada do turismo e a prática econômica que realmente o apresenta como negócio.

Yázigi (1999) afirma que o turismo é cercado por uma ideia corrente e muito simplista que falseia a sua organização, tornando-o uma panaceia. O autor critica o uso do turismo como sendo a tábua da fabulosa salvação para muitas localidades que se esquecem

das suas crianças pedindo nos sinais, da prostituição infantil, da degradação ambiental - em suas dimensões da biosfera e do patrimônio ambiental urbano -, do comércio mafioso, do sistema publicitário caótico, da mendicância incômoda, transformando o turista em um “bife ao ponto”.

O planejamento em turismo é essencial para manter essa atividade atualizada e, frente às possibilidades tecnológicas com o advento das TIC, seus agentes promotores têm buscado no ciberespaço um conjunto de oportunidades novas, incluindo práticas e valores inovadores, os quais colaboram para um processo de aceleração. Ribeiro, define essa aceleração como uma

experiência de mudança no ritmo da vida social na fase contemporânea do capitalismo, corresponde a introjeção de novos comandos no tecido da sociedade (práticas e valores) que transformam o teor das relações sociais, os usos do espaço, os conteúdos do imaginário e as formas de apropriação social da cidade (Ribeiro, 2013, p. 173).

A apropriação das possibilidades existentes no ciberespaço pode alterar os usos do espaço e interferir em seu processo de reprodução. Para a autora citada, a aceleração implicaria em duas dimensões: mudanças difusas e capacidade gestora e organizativa. A primeira é estimulada por múltiplas iniciativas fomentadas pelo meio técnico-científico-informacional voltadas para a ação. Neste patamar tem-se um sentido de modernidade que cria condições para o lucro e também para o surgimento de novos fluxos que possibilitam a pluralidade de usos. A segunda dimensão, mais ligada à natureza sistêmica do capitalismo, apresenta vetores de modernização atuando sobre sistemas de objetos e ações em um processo socioespacial decorrente da globalização da economia (Ribeiro, 2013). Ambas, propiciadas pelo advento de novas tecnologias, podem ser percebidas no uso do ciberespaço.

O Ciberespaço como possibilidade para o Turismo

Sonho semeando o mundo real
(Monte *et al.*, 2006)

A atividade turística, como estratégia para manter seu mercado ativo, apropria-se das possibilidades do ciberespaço e passa a divulgar, promover e produzir os espaços de acordo com seus interesses. A prática da atividade turística, pelo lado dos/as agentes da

turistificação, aí estabelece novas formas de relações sociais mediadas pela troca, envolvendo aspectos econômicos, políticos e culturais que passam a ganhar maior dinamismo apoiados na rede de fluxos de informações contidas no ciberespaço.

Já pelo lado dos/as visitantes têm-se novas relações contraditórias com os lugares (o “estar lá” mediatizado pelas TIC), com as corporeidades e o modo de expressar deixas simbólicas sobre esses lugares virtualmente visitados (*emojis, smiley, emoticon, gifs, avatares, stickers*) e com os ritmos corporais (frequência e período de acesso – repetição cíclica - e reiteradas visitas em páginas preferidas – repetição linear - da internet nas horas livres e de lazer para fazer possivelmente um “turismo virtual”).

O ciberespaço caracteriza-se quando o espaço assume objetos cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina (Santos, 2017). É um espaço navegável de comunicação e informação por meio de fluxos (Dodge; Kitchin, 2001; Pires, 2010; Castells, 2003). Lévy (1999, p. 92) define o ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Para ele, os sistemas eletrônicos de comunicação, com suas redes e equipamentos, facilitam a transmissão de informações digitais, o que remete à compreensão das TIC como suporte para a ocorrência do ciberespaço. O modelo atual das TIC abrange o complexo universo dos computadores eletrônicos, seus componentes e programas, um conjunto de *hardware* e *software* para acesso e disseminação de dados, gerando informação e conhecimento (Perez, 2009; Laudon; Laudon, 2004).

Gibson (1991) foi pioneiro, em 1984, ao usar em seu livro “Neuromancer” o termo ciberespaço para conceituar este ambiente artificial onde informações, dados e relações sociais navegam livremente. Para o autor, o conceito de ciberespaço é o de um espaço não físico ou territorial no qual uma experiência coletiva pode ser experimentada diariamente pelos usuários através da tecnologia.

De acordo com Santos (2017, p. 63), “o espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes”. As ações direcionadas para os objetos, em uma nova ordem econômica, estabelecem novos espaços de consumo e implicam novas formas de sociabilidade e de configuração espacial na qual fluxos imateriais materializam-se nos equipamentos de consumo envolvendo pessoas, mercadorias e informação (Ribeiro, 2013).

Assim, o que vai diferenciar e qualificar os espaços turistificados e evidenciar os seus ritmos observados no cotidiano são as ações a serem implementadas. A análise desses ritmos vai demonstrar no cotidiano que o tempo social é um produto e como tal passa a ser cooptado em seu valor de uso e de troca, o que pertence à análise dos ritmos, à ritmanálise.

As TIC participam das estruturas ao fornecerem condições para que o ciberespaço possa ocorrer e servir de base para planejamentos e usos da atividade turística. Tem-se aqui que as estruturas, tal como compreendidas em Gottdiener (2010), se manifestam avançando em diferentes dimensões materiais, como também sobre as mudanças na organização e mundialização da produção, em torno do papel da ciência e tecnologia, e sobre as forças dominantes em suas relações de produção com todo o aparato econômico, político e cultural.

As estruturas apreendem as condições gerais para o entendimento das diferenças existentes entre os espaços, mas o que vai diferenciar os tipos de produção espacial são as ações que vão além do entendimento dos polos ação-estrutura, sendo a união de ambos uma articulação dialética transformadora de valores de uso em valores de troca. Nesse momento, a produção do espaço dá-se como realização da mercadoria, na qual tudo é passível de consumo (Lefebvre, 1991).

As inovações tecnológicas, representadas nos usos das TIC, se inter-relacionam com as estruturas que compõem as espacialidades, mas também com novas formas de convivialidades e corporeidades. Esses usos englobam as relações de produção envolvendo aspectos políticos, culturais e econômicos que atuam nos processos de produção do espaço, mas também reclamam novos ritmos. Assim, as inovações tecnológicas apresentam exigências específicas no plano qualitativo e necessitam de mão-de-obra com alto nível de qualificação científico e técnico, alto nível de qualidade para os serviços disponíveis, atratividade do ambiente e facilidades de contatos com as redes científicas e profissionais, que serão utilizadas em interações próprias pelo corpo-espaço.

Constata-se, desta forma, que os espaços precisam conter determinadas especificidades para serem contemplados com as possibilidades do ciberespaço, o qual necessita de uma série de elementos para que possa se desenvolver. Esses elementos estarão ligados diretamente aos avanços tecnológicos que interagem em um sistema de inovações. A velocidade do processo inovador traz junto dele um fetichismo e pode-se ver cotidianamente o uso cada vez mais difundido da ideia de inovação (Tunes, 2020).

De acordo com Tunes (2020, p. 62), “a inovação, mais um produto fetichizado da economia capitalista, condição hoje para a (re) produção ampliada do capital, reforça as disparidades e acentua a geografia das relações de polarização”. Ou seja, por mais que a atualidade seja um período no qual os avanços tecnológicos se fazem presentes e em constante evolução, necessário se faz destacar o caráter segregador contido nesses avanços, uma vez que não atendem a todos os espaços da mesma forma e intensidade, estabelecendo contradições. Em outras palavras, o fato de todos estarem no cotidiano envolvidos por possibilidades e capacidades não determina que tudo se realizará em toda a intensidade e extensão, ou que todos terão acesso aos instrumentos e poderão alterar os ritmos do lugar.

A inovação é um elemento vital para o desenvolvimento do ciberespaço e, associada à aceleração, com novas práticas, simbologias e valores introjetados no espaço, compõe dialeticamente os arranjos necessários para que os usos sejam realizados, alterando os ritmos do cotidiano. O fenômeno da aceleração associado à constante necessidade de inovação está atrelado à materialidade e à questão social envolvida nos atuais rumos da acumulação capitalista, não atentando somente para a velocidade das ações, e sim percebendo as alterações no sistema técnico (objetos) e no sistema de ações.

A atividade turística ao se apropriar das possibilidades do ciberespaço passa a desenvolver ações para maximizar lucros e atender seus interesses. Vieira e Oliveira (2012, p. 12) constata que o visitante tem “através da *web* acesso prévio a informações sobre infraestrutura turística e de apoio local, roteiros, mapas e imagens relativos às paisagens e ao espaço geográfico que irá encontrar”, o que pode influenciar em suas decisões sobre os destinos turísticos.

Amparado pelos avanços tecnológicos das TIC, uma ampla gama de ações que envolvem o *Tour* virtual, a Realidade aumentada, a Realidade virtual, a Realidade mista e a *Live streaming* participam para o pleno desenvolvimento do turismo ao criarem um efeito psicológico de “estar lá” (Li; Song; Guo, 2021), pois o espaço virtual parece fornecer uma “sensação de presença” (Bogicevic *et al.*, 2019). Essas alternativas são utilizadas para enfrentar as oscilações inerentes aos períodos de sazonalidade e minimizar os efeitos negativos do setor, podendo contribuir para impulsionar as atividades turísticas.

Como visto em Douzet (2014, p. 5), ao entender que “o ciberespaço tanto é a internet como o ‘espaço’ gerado por ela: um espaço imaterial no qual operam-se trocas

desterritorializadas entre os cidadãos de todas as nações, a uma velocidade instantânea que elimina as noções de distância”. Isso confirma a dimensão socioespacial do ciberespaço e seu poder de interferência no cotidiano. Essa interferência na vida cotidiana impacta nos ritmos, alterando gestos e atos lineares e repetitivos influenciando nas sucessões do tempo (Morales, 2001).

Assim, o ciberespaço pode ser entendido como “[...] uma dimensão da sociedade em rede, onde os fluxos definem novas formas de relações sociais estando atrelado dessa forma ao processo de reprodução espacial” (Silva; Tancman, 1999, p. 56); visto que a imaterialidade do ciberespaço ganha dinamismo na sociedade aumentando a circulação de capital. O ciberespaço pode ser compreendido como elemento integrante do cotidiano e o uso desse espaço virtual pelos agentes da turistificação é perceptível ao dinamizar as ações da atividade turística, justificando a necessidade de pesquisa para aprofundar o conhecimento na relação do uso do ciberespaço e as alterações rítmicas.

Para Lévy (2011, p. 15), “o virtual não é o oposto do real e sim do atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes”. Na perspectiva apontada pelo autor e assumida neste trabalho para compreender o virtual, entende-se que ele existe em potência e não em ação consumada, em ato, ou seja, o que é real vem do possível que não possuía existência até se atualizar, seja por qualquer dinâmica de forças e de finalidades, e se fez material no espaço, alterando ritmos do cotidiano. Já o virtual, ao se atualizar, não necessita, necessariamente, passar pela materialidade, pelo palpável, mas faz parte do real, uma vez que impacta na organização ou desorganização dos espaços, contribuindo com novos ritmos a serem percebidos no cotidiano. Note-se que, como visto em Certeau (1998), o cotidiano contém modos de ação em interação social a formar indivíduos que reinventam o cotidiano.

O uso das tecnologias que compõem o ciberespaço pode ajudar a minimizar os danos causados ao setor do turismo em escala local e/ou mundial. O uso cada vez mais ampliado das TIC colabora para que mais pessoas acessem plataformas de turismo usando imagens de 360° ou passeios por videoconferência sugerindo a prática de um possível turismo virtual.

Com o uso de óculos de VR ou aplicativos de celular que permita circular pelos lugares, ouvir sons e ter um sentimento de presença pode-se obter uma experiência de Realidade virtual, ou usar tecnologia que insira elementos virtuais aumentados em ambientes reais como imagens, vídeos, objetos em 3D para alcançar uma Realidade

aumentada. Seria o sistema a inventar mais fetichismos para as mercadorias ou simplesmente “Sonho semeando o mundo real”?

Compreendendo o virtual em Lévy (2011) e após constatar alguns usos do ciberespaço pelas práticas que abarcam o turismo, não há como negar que esses processos, os quais contêm ações direcionadas à prática turística e apoiadas nas possibilidades do ciberespaço, interferem na reprodução dos espaços turistificados, contribuindo para a polirritmia dos lugares. Pode-se, assim, estabelecer um conceito ao conjunto de tais práticas como turismo virtual?

Percebe-se a ação dos agentes da turistificação investindo esforços na implementação desse espaço virtual, alimentando interesses e dinamizando a realização das trocas. Esse espaço, não mais concebido e já percebido, repercute na reprodução do espaço, inferindo nele e estabelecendo novos espaços do vivido, que novamente poderão inferir na constituição do ciberespaço, estabelecendo, assim, uma relação dialética.

Cabe ainda destacar que, no período de sazonalidade, que é inerente à prática da atividade turística, o uso das possibilidades existentes no ciberespaço é de extrema importância para que elas não sejam interrompidas, mantendo-se os contatos de forma virtual. O que corrobora para evidenciar o uso do espaço virtual a alterar ritmos, impactar no cotidiano e estabelecer novas relações espaço-temporais.

Conclusão

A música “Vilarejo”, citada como epígrafe, apresenta o cotidiano de um lugar tranquilo, simples, bucólico, uma ode ao paraíso. Um lugar oposto ao mundo caótico. Os ritmos do lugar são percebidos com uma frequência estável, na mesma batida, quase uníssono e harmônico. Mas como os ritmos do cotidiano são alterados, mudanças acontecem e rupturas se estabelecem, afinal “portas e janelas ficam sempre abertas pra sorte entrar” – o novo, o inesperado, a alterar os ritmos, estabelecendo discontinuidades nos fluxos do cotidiano.

Com poucos acordes e com um ritmo padrão para a música toda, “Vilarejo” convida a pensar no melhor da vida, no cotidiano e seus ritmos. As frequências, os intervalos, velocidades, movimentos, consistências, batidas fortes ou fracas são elementos do movimento musical que determinam ritmos. O ritmo mantém relação com a musicalidade

que ao ser cooptada e analisada por Lefebvre (2004), entre tantos outros elementos investigados por ele, passou a ajudar a construir um método de análise da inter-relação do espaço-tempo na compreensão sobre a vida cotidiana, a ritmanálise.

Uma análise rítmica oferece possibilidades de percepção e apreensão das ações e suas intencionalidades no espaço. O espaço, como conjunto de formas representativas da sociedade, é resultado das ações por ela implementadas, reproduzindo-se como produto e condição da dinâmica socioespacial. A atividade turística ao atuar sobre os espaços efetua ações diversificadas, envolvendo múltiplos segmentos, para que sua atuação seja satisfatória. Constata-se, desta forma, que a atividade turística tem muito a contribuir aos ritmos do cotidiano, alterando-o com polirritmias, euritmias e arritmias.

A prática da atividade turística, como o resultado das ações e das interações dos diversos agentes sociais que a produzem, apropria-se do espaço-tempo alterando seus ritmos, estabelecendo rupturas e criando possibilidades de transformação no cotidiano. Assim, o ciberespaço, com suas possibilidades, faz parte do cotidiano, e os agentes da turistificação, ao se apropriarem de suas potencialidades, estarão estabelecendo novos ritmos, modificando a compreensão do tempo no turismo. O virtual, em potência a atualizar-se, dependerá das ações que sobre ele atuarem para trazer novos elementos ao acontecer do turismo no cotidiano, dialeticamente.

No que se refere às possibilidades de existência de um turismo virtual, notam-se ações concretas com ritmos próprios que evidenciam nova forma de se fazer turismo, tais como: acessar plataformas digitais, realizar *tour* virtual pelos espaços turistificados, usar óculos de RV ou aplicativos de celular para circular pelos lugares, acessar roteiros, mapas, imagens e vídeos, visitar os lugares através de tecnologias como Realidade virtual, aumentada ou mista, assistir *lives*, enfim, utilizar das possibilidades do ciberespaço para ter a sensação de presença, de “estar lá”.

Não há como negar ou desconsiderar que esses processos existem e impactam na organização e uso das atividades turísticas e causam mudanças no ritmo da vida social na fase contemporânea do capitalismo. Defini-los ou encaixá-los em um conceito de Turismo virtual em tempos de aceleração e inovações constantes torna-se mesmo necessário?

Considera-se enfim, o ciberespaço como elemento integrante da sociedade contemporânea e torna-se necessário apreendê-lo como uma realidade que a Geografia deve investigar, analisar, compreender e envolver em todas as suas áreas de pesquisa.

Referências

BACHIMON, Philippe; DECROLY, Jean-Michel; KNAFOU, Rémy. *Expériences touristiques et trajectoires de vie. Rapports à la nostalgie*. **Tourism Review**, [S.l.], n. 10, [En ligne], n.p., 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/viatourism/1336>. Acesso em: 28 mar. 2023.

BOGICEVICA, Vanja; SEOB, Soobin; KANDAMPULLY, Jay A.; LIUC, Stephanie Q.; RUDDD, Nancy A. *Virtual reality presence as a preamble of tourism experience: The role of mental imagery*. **Tourism Management**, [S.l.], n. 74, p. 55-64, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S026151771930038X>. Acesso em: 22 set. 2023.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Crise urbana**. São Paulo: Contexto, 2015.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COOPER, Chris; FLETCHER, John; WANHILL, Stephen; GILBERT, David; SHEPHERD, Rebecca. **Turismo**: princípios e prática. Tradução: Roberto Cataldo Costa. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

DODGE, Martin; KITCHIN, Rob. **Mapping cyberspace**. New York: Routledge, 2001.

DOUZET, Frédéric. La géopolitique pour comprendre le cyberspace. **Hérodote**, La Découverte, n. 152- 153, p. 3-21, 2014. Disponível em: <https://www.herodote.org/spip.php?article616>. Acesso em: 02 out. 2023.

GIBSON, William. **Neuromancer**. Tradução: Maya Sangawa e Silvio Alexandre. São Paulo: Aleph, 1991.

GERARDOT, Maie. *La construction rythmique de l'incontournable touristique. L'exemple de la tour Eiffel*. **Articulo: Jornal of urban research. Une géographie culturelle et politique du tourisme**, [S.l.], n. 4, n.p, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/articulo/195>. Acesso em: 13 dez. 2022.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. Trad. Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1988.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 6. ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

KNAFOU, R. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr B. R. **Turismo e Geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 62-74.

LAUDON, K. C.; LAUDON, J. P. **Sistemas de informação gerenciais**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **La vida cotidiana em el mundo moderno**. Tradução: Alberto Escudero. Madrid: Alianza Editorial, 1972. Disponível em: <https://comunistasesotericos.noblogs.org/files/2020/03/La-vida-cotidiana-en-el-mundo-moderno.pdf>. Acesso em: 20 de nov. 2022.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne: de la modernité au modernisme (pour une métaphilosophie du quotidien)**. Paris (FRA): L'Arche, 1981. (Tomo 3).

LEFEBVRE, Henri. *Le projet rythmanalytique*. **Communications**, [S.l.], n. 41, p. 191-199, 1985. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1985_num_41_1_1616. Acesso em: 15 dez. 2022.

LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Tradução: Donald Nicholson-Smith. Oxford: Blackwell Publishing, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **Rhythmanalysis: space, time and everyday life**. Tradução: Stuart Elde; Gerald Moore. London: Continuum, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Tradução: Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri; RÉGULIER, Catherine. *Essai de rythmanalyse des villes méditerranéennes*. In: **LEFEBVRE, Henri. Éléments de rythmanalyse et autres essais sur les temporalités**. Paris: Eterotopia, 2019. p. 135-153.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2011.

LI, Yu; SONG, HakJun; GUO, Rui. *A Study on the Causal Process of Virtual Reality Tourism and Its Attributes in Terms of Their Effects on Subjective Well-Being during COVID-19*. **Int J Environ Res Public Health**, v.18, n.3, p.10-19, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/18/3/1019>. Acesso em: 12 nov. 2022.

LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma estética Marxista: sobre a particularidade como categoria da estética**, São Paulo: Instituto Lukács, 2018. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lukacs/1956/estetica/estetica-marxista.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2022.

MONTE, Marisa; BROWN, Carlinhos; ANTUNES, Arnaldo e BABY, Pedro. Vilarejo, **cifraclub.com.br**, 2006. Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/marisa-monte/vilarejo/>. Acesso em 03 dez. 2022.

MORALES, Nelson. *Filosofía de lo cotidiano y el ritmanálisis*. **Fermentum: Revista Venezolana de Sociología y Antropología**, [S.l.], v. 11, n. 32, p. 517-524, 2001. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70511233012>. Acesso em: 10 dez. 2022.

OMT: **Organização Mundial do Turismo**. *New Platform Tourism Services: or the so called Sharing Economy*, 2017. Disponível em: https://webunwto.s3-eu-west-1.amazonaws.com/imported_images/47259/unwto_npts_itb_2017_jk2sc_rev.pdf. Acesso em: 16 out. 2024.

PEREZ, C. *Technological revolutions and techno-economic paradigms*. **TOC/TUT Working Paper**, Tallinn, n. 20, p. 1-15, 2009. Disponível em: <https://e-tcs.org/wp-content/uploads/2012/04/PEREZ-Carlota-Technological-revolutions-and-techno-economic-paradigms1.pdf>. Acesso em: 15 out. 2023.

PIRES, Hindenburgo Francisco. Planejamento Urbano do Ciberespaco: A formação territorial de redes comunitárias acadêmicas no Brasil. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, Barcelona, v.14, s/p, 2010. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/issue/view/52>. Acesso em: 14 set. 2023.

PROULX, Luce. Tourisme, santé et bien-être. **Téoros: Revue de recherche en tourisme**, [S.l.], v. 24, n. 24-3, p. 5-11, 2005. Disponível em: <https://journals.openedition.org/teoros/2243>. Acesso em: 25 set. 2023.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. 9. reimpr. São Paulo: Edusp, 2017.

SARMENTO, João. *Tourists' walking rhythms: 'doing' the Tunis Medina, Tunisia*. **Social & Cultural Geography**, [S.l.], v. 18, n. 3, p. 295-314, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14649365.2016.1174283>. Acesso em: 1 abr. 2023.

SILVA, Carlos Alberto F. da; TANCAMAN, Michéle. A Dimensão Socioespacial do Ciberespaco: Uma nota. **GEOgraphia**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 55-66, 1999. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/issue/view/818>. Acesso em: 15 set. 2023.

TUNES, Regina. **Geografia da inovação: território e inovação no Brasil no século XXI**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das metrópoles, 2020.

VIEIRA, Laíze Leite Vieira e OLIVEIRA, Ivanilton José de. Turismo, Espaço e Paisagem: Uma Abordagem Geográfica da Escolha de Destinos Turísticos na Era Digital. In: SEMINÁRIO

ANPTUR, 9., 2012, São Paulo, **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/sumario.php?versao=9>. Acesso em: 02 dez. 2022.

WAINBERG, Jacques. **Turismo e comunicação**: A Indústria da Diferença. São Paulo: Contexto, 2003.

YÁZIGI, Eduardo. **Turismo**: Uma esperança condicional. 2. ed. São Paulo: Global, 1999.

Recebido: 06/11/2023 Publicado: 09/09/2026

Editor Geral: Dr. Eliseu Pereira de Brito